

O DISCURSO DE ÓDIO PRODUZIDO CONTRA MULHERES MUÇULMANAS: EFEITOS DE MEMÓRIA NO *TIKTOK*

Renata Júlia Santana da Costa¹

Introdução

O presente trabalho visa analisar, a partir da análise do discurso pecheuxiana, o discurso de ódio produzido contra mulheres muçulmanas no *TikTok*, com o objetivo de explicar como o funcionamento desse discurso afeta mulheres muçulmanas, compreendidas como minoria política.

Sendo assim, fez necessário interpretar os discursos a partir dos instrumentos teóricos da AD como conceitos aplicados por Indursky (2008), Pêcheux (2009) e Orlandi (2002).

Nessa perspectiva, a mulher muçulmana é demarcada ideologicamente por diversas posições, dentre elas, o ser mulher e o ser islâmica. Essas posições dimensionam os discursos que recortam a sua identidade para a produção do discurso de ódio que se alimenta de muitas vozes, sobretudo, vozes atemporais(memória) marcadas pelo processo histórico que fundamenta a vivência dos praticantes do Islamismo.

Desde a guerra proporcionada pelas Cruzadas, expedições para propagar a fé e conquistar territórios impulsionada pela Igreja Católica (Arruda,1996), a relação do ocidente com o oriente começa a ser sobre a relação do eu com o outro. Esse outro que deve ser adestrado, cerceado ou aniquilado para a preservação da identidade ocidental (construção imaginária). De lá para cá, impulsionado pela guerra ao terror (Arruda,1996), ainda vemos crise de refugiados, ataques as mesquitas etc. Situações essas que evidenciam a xenofobia e a islamofobia dentro da sociedade ocidental contemporânea.

Dito isso, na sociedade brasileira, apesar da aparente cordialidade (França, 2019), vivemos manifestações de ódio a todo momento, o que enquadra também os seguidores do islamismo que, ou moram aqui, ou apresentam nacionalidade brasileira. Precisamos lembrar que a plataforma escolhida é usada por jovens de todas as idades, mesmo com a restrição da idade permitida de 13 anos, e esses comentários que textualizam o discurso de ódio podem “formar” futuros adultos, potenciais repetidores de discurso de ódio. Nesse sentido, trabalhos que promovam, de diferentes maneiras, um uso mais responsável dos sites de redes sociais são importante para repensar a forma como o ódio circula nas redes.

¹ Graduanda da UNEB no curso de licenciatura em Letras português e suas literaturas, e-mail: renataacta1345@gmail.com.

Metodologia

O *TikTok*- o qual iremos investigar na pesquisa que propomos- é uma rede para compartilhamentos de vídeos curtos de variados assuntos. Por ser um aplicativo de fácil acesso, facilita-se também a diversidade de discursividade que nele pode circular, o que inclui o discurso de ódio, que se propagou, afetando diretamente minorias políticas.

O que estamos propondo corresponde a uma pesquisa qualitativa, cujos objetos empíricos (Orlandi, 2002) serão encontrados no *TikTok*, correspondendo tanto às postagens com conteúdos audiovisuais, que são os materiais que caracterizam a plataforma escolhida, quanto os comentários vinculados às respectivas postagens.

Os objetos empíricos serão selecionados a partir de capturas de tela (ecrã), o que é disponibilizado por qualquer dispositivo de telefone móvel atual, e, em casos de material audiovisual, a plataforma escolhida permite que os usuários salvem os vídeos em seu dispositivo ou em outras redes sociais.

Um dos perfis, no *TikTok*, a partir do qual foram selecionados os objetos empíricos é o da *tiktoker* Mariam Chami, que publica fatos sobre a sua religião e alguns vídeos falando sobre esse tipo de discurso de ódio, dando ênfase na xenofobia e na intolerância religiosa.

Foram escolhidas três sequências discursivas (SDs), a partir das quais foram realizados os procedimentos de descrição e de interpretação (Pêcheux, 1983) que, entre outras coisas, nos colocam em contato com discursos xenofóbicos interseccionados ou não com discursos de intolerância religiosa, que, hipotetizamos, funcionam como interdiscurso específico (Courtine, 1981) do discurso de ódio produzido contra mulheres muçulmanas no *TikTok*.

Análise

Nesse tópico, analisamos três SDs retiradas da sessão de comentários do *TikTok* de Mariam Chami. Dito isso, faz-se necessário contextualizar para quem esse discurso está direcionado, o sujeito, do qual analisamos o perfil, é uma mulher brasileira muçulmana, mãe, esposa e influencer, que utiliza o *hijab* (vestimenta utilizada por determinadas mulheres muçulmanas que seguem o islamismo), elementos esses que a determinam como sujeito potencialmente alvo de práticas discursivas xenofóbicas, machistas e islamofóbicas. A partir disso, o leitor conseguirá compreender a manifestação do discurso de ódio direcionado a essa influencer.

Nesse viés, iremos trabalhar e ou apresentar questões de formações discursivas, apresentadas por Pêcheux, precursor da análise do discurso francesa, retomada pela teoria Brandão:

Pois, ao mesmo tempo em que é interpelado pela ideologia, ele ocupa, na formação discursiva que o determina, com sua história particular, um lugar que é especificamente seu: 'Cada sujeito é assujeitado no universal como singular insubstituível' (Pêcheux, 1975, p. 156 *apud* Brandão, 2002, p. 65).

A partir do conceito citado, percebe-se que os sujeitos dos discursos presentes nas sequências discursivas são pessoas brasileiras, pertencentes a outro tipo de religião e com uma associação distorcida sobre o povo islâmico, e esses sujeitos dentro das suas condições de produções, permite o outro (re) produzir esse discurso relacionado ao ódio.

Nesse contexto, a SD produzida por um usuário anônimo, já que não apresenta relação entre a foto de perfil e a *tag* da rede social, demonstra um diálogo com outros discursos que, anteriores a ele, ou seja, observamos aqui um interdiscurso que delimita elementos constitutivos da cultura islâmica como ameaça à sociedade ocidental, como podemos ver a seguir:

SD1



Na SD1 (só, por favor, não explode minha casa) , o discurso de ódio se manifesta a partir da formação imaginária (Orlandi, 2002) desse usuário-sujeito, que associa o sujeito muçulmano a um homem bomba ou a um sujeito perigoso. Além disso, a SD1 retoma o sentido de posse com o pronome possessivo “minha”, o qual demonstra que a sua casa é uma propriedade privada, além de ambiente de proteção, ou que deve ser protegido. Dessa forma, o sujeito muçulmano é recortado como alguém que ameaça a segurança do enunciador.

Sendo assim, o discurso produzido contra a mulher mulçumana está relacionado a reprodução de discursos preexistentes (formação imaginária), os quais vinculam a imagem mulçumana a práticas terroristas.

Já, na segunda SD selecionada, observamos como o discurso se manifesta a partir do uso da hijab, elemento simbólico da religião mulçumana, e a relação do sujeito com a nação a qual ela pertence. Segue o texto abaixo:

SD2



_girl._roblox_tiktok19

pq ela ta com o pano na cabeça se vc mora no Brasil

2020-10-14 Responder



Diante da SD2, observamos dois elementos diferentes que (re)produzem diferentes sentidos, como aponta Orlandi (2002), ao descrever a constituição do sentido a partir da formação socioideológica presente nos diferentes discursos. O primeiro elemento citado, é observado quando o sujeito se refere ao hijab como “pano”, reduzindo a vestimenta apenas por sua característica estética e utilitária, pois serviria apenas como algo para prender o cabelo. Porém, para a figura feminina muçumana, representa a sua devoção a Deus, desse modo, é evidente a confluência de sentidos que o substantivo pano adquire a partir desse comentário.

O outro ponto presente é a relação ao pertencimento do sujeito, a quem o comentário se refere, ao Brasil. Isso pode ser evidenciado a partir do fragmento ‘se você mora no Brasil’, o que aponta uma impossibilidade do modo de viver entre o ocidente e o oriente, similar ao interdiscurso produzido na SD1.

Diante disso, é possível perceber a forma como a ideologia perpassa a construção de sentido da presente SD2, já que o sujeito imaginado pelo discurso é incapaz de estar relacionado ao Brasil e exercer a sua liberdade religiosa.

A partir disso, é necessário compreender como se presentifica, dentro do discurso atual, elementos da história e da ideologia ocidental. Dentro da SD3, percebemos como ocorre a presença do elemento religioso e a utilização de um termo para delimitar o sujeito islâmico, vejamos:

SD3



Na SD3 (Existem sarracenos no Brasil. Jesus Cristo morreu na cruz à toa), a memória discursiva funciona como condição necessária para a sua leitura, recuperando os diversos implícitos. Nesse caso, recupera a referência às cruzadas, período no qual os cristãos lutavam com os muçulmanos por questões religiosas e territoriais. Dessa forma, os discursos já-ditos surgem como condição para a leitura, sendo também atualizada no presente texto a rivalidade entre cristãos e muçulmanos.

Outro ponto importante é questão do não pertencimento de pessoas muçulmanas ao Brasil. Ao analisar essa SD e observar o perfil do sujeito alvo, o povo muçulmano está sempre associado a uma região específica, e, no caso, tendo sua nacionalidade brasileira posta em dúvida. Por um efeito de memória, atualiza-se um discurso já-dito, pois relembramos, além das cruzadas, da invasão do povo islâmico a Portugal, o que potencializa o discurso de que sujeitos muçulmanos são invasores e não pertencem àquele lugar, e, conseqüentemente, nem às antigas colônias portuguesas.

Conclusão

Por fim, após as discussões abordadas neste artigo, infere-se que as relações e sequências discursivas produzem um discurso de ódio em relação ao sujeito mulçumano. Esse discurso opera a partir da interdiscursividade e do recorte entre a identidade ocidental e islâmica, visto que, essa identidade é distorcida dentro da formação discursiva e imaginária do sujeito que (re) produz esse tipo de discurso.

Outro ponto importante dentro dessas análises é a questão do não pertencimento do sujeito nos discursos produzidos em relação a eles, desse modo, é possível perceber a forma como a ideologia perpassa a construção de sentido das SD citadas, já que o sujeito imaginado pelo discurso é incapaz de estar relacionado ao Brasil.

Dessa maneira, a partir das análises discursivas, percebemos a vinculação da mulher mulçumana a um indivíduo terrorista, ou seja, voltando a discursos preexistentes em relação ao povo islâmico. Essa relação se estabelece através da interseção entre sujeito, ideologia e história, já que nos presentes textos, em menor ou maior grau, ocorre a presença de implícitos que devem ser retomados para a construção do sentido.

Portanto, a agressão em forma de discurso de ódio ainda é algo presente dentro da sociedade contemporânea brasileira, visto que o sujeito mulçumano é recortado/interpretado através de leituras simbólicas que postulam sobre o seu ser e estar no mundo.



REFERÊNCIAS

ARRUDA, José Jobson de A.; PILETTI, Nelson. **Toda a História**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1996.

BRANDÃO, N. H. H. **Introdução à análise do discurso**. 8. ed. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2002.

INDURSKY, Freda. Unicidade, desdobramento, fragmentação: a trajetória da noção de sujeito em análise do discurso. *In*: MITMANN, Solange; GRIGOLETTO, Evandra; CAZARIN, Ercília Ana (org.). **Práticas discursivas e identitárias: sujeito&língua**. Porto Alegre: Nova Prova, 2008. p. 9-32.

ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 4. Ed. Campinas, SP. Pontes, 2002.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 4. ed. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2009.